



## A CINEMATECA JÚNIOR VAI A CASA *com* ALICE GUY-BLACHÉ

### JÁ OUVISTE FALAR DE ALICE GUY-BLACHÉ?

É natural que não, porque até há poucos anos este nome era desconhecido até mesmo de cinéfilos e, no entanto, esta senhora foi uma pioneira do cinema, merecedora de constar nos livros de história dos primórdios desta arte a par de outros nomes icônicos, como o de Georges Méliès. Não inventou nada, mas desde os idos de 1896 experimentou toda a tecnologia disponível no seu tempo, várias linguagens e gêneros, com a vantagem sobre os seus eminentes parceiros numa carreira bastante mais longa, que se estendeu até ao princípio da década de vinte do século passado.



Recuemos, então, no tempo para conhecer melhor Alice Guy-Blaché. Nasceu em 1873 em França, filha de um livreiro e editor com negócios no Chile. Com a falência e a morte do pai em 1891, emprega-se como estenógrafa e secretária, primeiro numa fábrica de verniz e um pouco depois, em 1894, naquela que viria a ser em 1895 a empresa fotográfica de Leon Gaumont, Gaumont et Cie. É aqui que conhece todas as câmaras e material técnico disponível à época e os engenheiros da recentíssima técnica da imagem em movimento, Georges Demeny e Auguste e Louis Lumière e o próprio Leon Gaumont que em breve dará os seus contributos. Alice esteve presente na demonstração que os irmãos Lumière fizeram aos seus pares do recém inventado cinematógrafo, a 2 de Março de 1895, onde exibiram o seu primeiro filme, *A Saída do Pessoal Operário da Fábrica Lumière*. Filha de livreiro, amante de livros e narrativas, deslumbrou-se com o que viu e achou logo que a técnica da imagem em movimento muito mais do que fazer apenas um registo do real seria um ótimo instrumento para contar histórias. Na sequência deste deslumbre, pediu autorização a Leon Gaumont para filmar

umas cenas e reza a lenda que ele autorizou na condição “do correio não se ressentir”! Estava dado o passo inaugural para uma carreira de cerca de vinte e cinco anos, dividida entre a França e os Estados Unidos.

Alice não sabia nada de fotografia e muito menos de fotografia animada - o cinema - mas aprendeu tudo o que havia para aprender e em pouco tempo apresenta o seu primeiro filme, *LA FÉE AUX CHOUX* (1896). Ainda que sobre este ponto não haja consenso entre os investigadores, foi considerado por muitos o primeiro filme narrativo da história do cinema e foi um sucesso que catapultou Alice para a direção de produção dos filmes do catálogo da empresa Gaumont Cie, onde viria a formar futuros realizadores como Louis Feuillade. Alice criou a marca distintiva da casa Gaumont e não parou de experimentar todo o arsenal técnico disponível à época: cópias pintadas à mão, o sistema de cor *trichrome* de Gaumont, a montagem com close-up (plano de pormenor), filmagem de exteriores, efeitos especiais com trucagem (ilusão de desaparecimento, aparecimento ou transformação de coisas ou pessoas pelo simples gesto de parar e retomar a filmagem com

a câmara colocada no mesmo lugar mas com uma nova disposição de pessoas ou objetos no enquadramento), sobreimpressões (cenas diferentes impressas no mesmo fotograma) ou correr a película de trás para a frente, entre outros efeitos e técnicas. Uma das experiências mais notáveis da época e na qual Alice esteve entre os pontos de lança foi o cinema falado. Gaumont encarrega-a de testar o seu novo sistema *chronophone* que sincroniza imagem com gravações áudio. Alice faz, assim, cerca de uma centena de *clips*, com cantores e coros. O som era previamente gravado, depois os músicos eram filmados numa interpretação em *playback* e a projeção era feita de forma síncrona. Estas experiências não foram totalmente bem-sucedidas, não só pela dificuldade da sincronização de dois sistemas autónomos como pela dificuldade de ampliação de som em salas grandes. A experiência do som já tinha sido feita por Thomas Edison no seu *kinetophone*, nome dado ao “casamento” do *kinetoscópio* com o fonógrafo, mas aqui tratou-se de sonorizar filmes vistos numa projeção individual, literalmente feita dentro de uma caixa, portanto sem necessidade de amplificação. Voltando a Alice, se na técnica explorou tudo o que havia para experimentar, foi também muito arrojada e plural nos géneros: filmou vistas urbanas, danças serpentinadas (uma dança muito popular e muito filmada no final do século XIX e no início do século XX), outras danças e números de *vaudeville* (um espetáculo de variedades, com números musicais, de dança, teatro, magia, animais amestrados, entre outros) comédia, clips musicais, filmes históricos, melodrama, romance, ação e westerns.



Destacando alguns títulos, em 1905 realiza o filme LA ESMERALDA, uma adaptação do romance de Victor Hugo “O Corcunda de Notre-Dame” e em 1906 dirige uma das grandes produções da época, o filme LA VIE DU CHRIST, com trezentos figurantes, vinte e ( cinco cenários diferentes e filmagens em exteriores. O filme percorre em trinta minutos a vida de Cristo, seguindo o imaginário visual da Bíblia de Tissot (350 aguarelas do pintor James Tissot (1836-1902) que retratam o novo testamento) e é um sucesso.

É também no ano de 1906 que Alice conhece o seu futuro marido, Herbert Blaché, um colega representante da firma Gaumont em Berlim. Casam em 1907, e Alice, agora na condição de esposa, parte com o marido para os Estados Unidos, para onde este foi destacado por Leon Gaumont para estender os negócios da firma e instalar o sistema sonoro *chronophone*. Embora casada e em breve mãe de Simone (1908) e Reginald (1912), Alice não abdica da sua paixão. Em 1908 aluga parte do estúdio da Gaumont em Flushing, New York, e começa a realizar os seus primeiros filmes americanos e em 1910, com o marido e um terceiro sócio – George A. Magie, cria a Solax Company. Dois anos depois, em 1912, é construído de raiz o estúdio da Solax em Fort Lee, New Jersey, o maior estúdio de cinema norte americano, pré Hollywood. Aqui são produzidos dois a três filmes por semana, a maior parte deles escritos e dirigidos por Alice Guy-Blaché. O estúdio goza de uma excelente reputação, forma a sua trupe de atores, conhecidos como os *Solax Players* e Gaumont distribui os seus filmes fora da América.

Tudo corre muito bem durante alguns anos. Alice é alvo de atenção mediática por ser, num mundo de homens, dona de um estúdio de cinema, produtora e realizadora e a mulher mais bem paga dos Estados Unidos, mas a erosão desta carreira de sucesso vai sendo tecido por uma conjugação lenta e discreta de fatores. Por um lado, os efeitos da Primeira Guerra Mundial sobre a indústria do cinema, com a crescente formação de grandes monopólios e o início da migração da indústria para a costa oeste – Hollywood – e também a mudança no gosto do público, crescentemente fascinado pelas megaproduções dos grandes estúdios. Por outro lado, as circunstâncias, pessoais e familiares, de Alice também não a favorecem. Más

decisões comerciais de Herbert Blaché, presidente da Solax desde 1913, acrescentam-se à separação do casal e à partida de Herbert para Hollywood em 1918. A um grande incêndio no laboratório da Solax soma-se a gripe espanhola contraída por Alice em 1919. E, por fim, à concessão do estúdio a maus arrendatários acrescenta-se uma tentativa frustrada de recuperar a relação e de trabalhar com o marido em Hollywood. Alice dirige o seu último filme em 1920 e, como assistente de realização de Herbert Blaché, faz mais dois filmes em Hollywood nos primeiros anos da década de vinte. Em 1922, a Solax abre falência e o património de Alice e da firma são vendidos em leilão para saldar dívidas. Oficialmente divorciada nesse mesmo ano, regressa a França e apesar dos seus esforços, nunca mais consegue filmar.

Nos seus vinte e cinco anos de carreira em França e nos Estados Unidos, escreveu, produziu e realizou mais de setecentos filmes, número que alguns investigadores escalam para mais de mil, dos quais vinte e duas longas-metragens. Desses filmes, apenas cerca de cento e cinquenta foram recuperados e identificados como seus. Devido a questões de preservação (só verdadeiramente consideradas a partir da década de trinta), à indefinição e atribuição errada de autoria normal numa fase embrionária do cinema sem genéricos e créditos, a maior parte está ainda, e não se sabe se irremediavelmente, perdida.



Alice Guy-Blachet não inventou nenhum dispositivo do cinema, como os irmãos Lumière, Thomas Edison ou Leon Gaumont, entre outros, mas tal como Georges Méliès, inaugurou um cinema narrativo, Méliès de pendor fantasista, Alice de pendor mais realista, apesar do seu filme inaugural fazer nascer bebés em couves. “Be natural” (Sê natural) foi o seu lema e aquele que procurou incutir aos atores com que trabalhou. Também nesta procura de um certo naturalismo foi pioneira, num tempo em que a representação expressiva do teatro burlesco parecia a mais natural a ser usada num cinema sem som. Alice foi também inovadora e arrojada nos temas tratados. Só para dar alguns exemplos, brinca com a inversão dos papéis tradicionais do homem e da mulher na comédia *LES RESULTATS DU FÉMINISM* (1906) e embora pelo título se possa pensar que se trata de uma sátira ao feminismo, a caricatura põe em evidência a desigualdade entre os sexos. Aborda o problema da violência contra as mulheres (embora o embrulhe numa ingénua exaltação das virtudes americanas) no filme *MAKING OF AN AMERICAN CITIZEN* (1912). Fala de conflitos laborais no filme *THE STRIKE* (1912) e caso maior de coragem, quando procurou um elenco com atores brancos e afroamericanos para o filme *A FOOL AND HIS MONEY* (1912) e os primeiros se recusaram a participar, optou por um elenco integralmente composto por afroamericanos. Quando se sabe que naquela época as personagens negras, quase sempre cozinheiras, criados e moços de recados e quase sempre ridicularizados (aliás, também em filmes seus), eram normalmente desempenhadas por atores brancos de cara pintada - os *blackfaces* – Alice, mais uma vez, fez história. Ainda não dissemos, mas já deves ter adivinhado que Alice foi a primeira mulher a escrever, a produzir e a dirigir filmes e também a primeira mulher de negócios na indústria do cinema.

Para conheceres ainda melhor a história (não te contámos tudo...) e alguns filmes de Alice Guy-Blaché, podes ver o documentário *The Lost Garden: The Life and Cinema of Alice Guy-Blaché* de Marquise Lepage, 1995, produzido pelo National Film Board of Canadá e alguns filmes que seleccionámos. Infelizmente o documentário, falado em inglês, e os intertítulos dos filmes, também em inglês, não têm legendas. Se não compreendes a língua, pede ajuda aos teus pais ou irmãos mais velhos. Por fim, se tiveres interesse em mais informação procura nas livrarias a autobiografia *The Memoirs of Alice Guy-Blaché* e nas plataformas VOD ou em DVD o documentário realizado por Pamela B. Green em 1918, *Be Natural: The Untold Story Of Alice Guy-Blaché* (trailer [AQUI](#)). Boa viagem ao incrível mundo de Alice!



## DOCUMENTÁRIO do NATIONAL FILM BOARD OF CANADA | (dos 8 aos 80)

The Lost Garden: The Life and Cinema of Alice Guy-Blaché de Marquise Lepage [AQUI](#)

## FILMES DE ALICE GUY-BLACHÉ | (dos 8 aos 80)

LE AVENUE DE L'OPERA, 1900, 00:56 [AQUI](#)

Nota: vista urbana com efeito de imagem revertida

LES FREDAINES DE PIERRETTE, 1900, 1:52 [AQUI](#)

Nota: cópia colorida

LA FÉE AUX CHOUX, 1902, 00:59 [AQUI](#)

Nota: uma variação da versão de 1896, de que podes ver excertos em "The Lost Garden", min 8:45-9:20.

SAGE-FEMME DE PREMIÈRE CLASSE, 1902, 04:02 [AQUI](#)

Nota: uma variação do filme La Fée Aux Choux de 1896, de que podes ver excertos "The Lost Garden", min 8:45-9:20.

DANCE SERPENTINE, 1902, 01:41 [AQUI](#)

COMMENT MONSIEUR PREND SON BAIN, 1903, 01:17 [AQUI](#)

Nota: filme com efeitos de trucagem

FÉLIX MAYOL, QUESTIONS INDISCRÈTES, 1905, 02:48 [AQUI](#)

Nota: clip musical colorido e sonorizado pelos sistemas trichrome e chronophone de Leon Gaumont, ver versão sonorizada no filme "The Lost Garden", min.11:19

FIVE O'CLOCK TEA, 1905, 02:58 [AQUI](#)

Nota: clip musical realizado com o sistema chronophone de Leon Gaumont, ver versão sonorizada no filme "The Lost Garden", min.12:00

LA VIE DU CHRIST, 1906, 33:36 [AQUI](#)

LES RÉSULTATS DU FÉMINISME, 1906, 06:44 [AQUI](#)

LE MATELAS ÉPILEPTIQUE, 1906, 09:30, sonorizado [AQUI](#)

MADAME A DES ENVIES, 1906, 04:22 [AQUI](#)

UNE FEMME COLLANTE, 1906, 02:27 [AQUI](#)

UNE HISTOIRE ROULANTE, 1906, 02:09 [AQUI](#)

LE BALLON DIRIGEABLE "LE PATRIE", 1907, 01:11 [AQUI](#)

Nota: filme de atualidades

MAKING OF AN AMERICAN CITIZEN, 1912, 10:47 [AQUI](#)

A FOOL AND HIS MONEY, 1912, excertos [AQUI](#)

Nota: excertos do filme, recentemente encontrado numa feira da ladra.

FALLING LEAVES, 1912, 11:40 [AQUI](#)

MATRIMONY'S SPEED LIMITS, 1913, 14:20 [AQUI](#)

A HOUSE DIVIDED, 1913, 13:18 [AQUI](#)

OUTROS FILMES [AQUI](#)

